

SANDRA GODINHO

O
VERSO
DO
REVERSO

Contos

Editora Penalux, 2019



Rua Marechal Floriano, 39– Centro
Guaratinguetá, SP– 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO

França & Gorj

REVISÃO

Sandra Godinho

PROJETO GRÁFICO

Cintia Belloc

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G585 GODINHO, Sandra. –

O verso do reverso / Sandra Godinho – Guaratinguetá, SP:
Penalux, 2019.

228 p.: 21 cm

ISBN 978-85-5833-606-2

1. Contos I. Título

CDD: B869.93

Índice sistemático:

1. Literatura brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

QUANDO ESCAPOU...

*Se for para partir
Que seja de mansinho
No tempo certo da despedida
Se tornar saudade.*

Quando lhe escapou as lágrimas ficou mais leve.

Ele sentiu de imediato a leveza no corpo frágil de inconfessáveis segredos. Fugiram-lhe à face, simplesmente, cansadas de rolar por bochechas que se negavam a sorrir, fugiram-lhe à causa de uma maturidade cansada que deixava sulcos profundos no rosto, traços marcantes de um mapa que somente ele decifrava devido aos anos de vivência. Secaram, desapegadas de posse, descuidadas de afeto. A tristeza quando é demais, reivindica a insensibilidade como couraça, um truque usado por muitos para continuar vivendo além das perdas que sempre são demasiadas num velho de 85 anos. A tristeza já tinha velado muitos, enterrado outros tantos, as velhas carpideiras não lhe faziam frente. O velho queria agora tratar do presente, mas o passado sempre vinha lhe cobrar o passe e a posse. E quanto mais se distanciava, mais perdido no passado ficava. Cansado, arrancou uma flor vermelho-tinto de uma campa próxima e sentou-se no banco para viver de memórias. Um pouco

apenas, não muito. Permitiu-se ficar em abandono, como se assim se redimisse dos silêncios e então...

Quando lhe escapou a boca ficou mais leve.

A boca que engoliu sorrisos, esgares, micagens, trejeitos, versões infinitas dele mesmo, sem contenção ou saciedade. A penúltima vez que esteve no cemitério foi para enterrar o filho, um homenzarrão em eterna atitude de desafio, algo perigoso num mundo polarizado de opiniões. É de esquerda? Ou de direita? Que importância tinha isso agora que ele não estava mais lá? Queria que estivesse, a pousar sua mão sobre sua nuca, a dizer que tudo ia ficar bem, a apontar qual a direção a seguir. Nunca imaginou em seus muitos anos de vida que a escolha por um partido político desencadeasse uma reação de desprezo vingativo que lhe tiraria a vida, seu único filho. Uma lâmina. Foi o que bastou para lhe ceifar a existência. Uma lâmina e muita intolerância. Uma lâmina, muita intolerância e raiva. Muita raiva das coisas que a vida faz com a gente. Casado, pai de um menino de oito anos, seu neto ainda ingênuo do mundo, ainda com tempo de consolo. Ele não o tinha mais. E logo mais

Quando lhe escapou a pele ficou mais leve.

Ele sentiu a falta de peso de imediato, como se a dor tivesse destinatário inexistente. Não havia mais necessidade da couraça porque não havia mais ferida, lesão, arranhão, edema ou cicatriz que se alastrasse às extremidades, com abundância imerecida de sofrimentos que deformavam e

desfiguravam o velho já tão desfigurado. Então o velhote quis transformar em ação sua passividade acumulada de anos, pôs-se a transitar pela velha casa – em pensamento –, deslocando móveis, abrindo espaços, erguendo caixas imensuráveis que cansou de ordenar sem que desse conta de todas. A caixa da solidão, a caixa da saudade, a caixa do amor, essa sempre mais pesada e difícil de deslocar. A gente a levava consigo por onde andava, por onde vivia, com destreza inigualável. Carregamos o amor às costas, um verdadeiro marco, o momento que se descobre que a dor do outro é mais sofrida que a sua própria. E é insuportável. Pior do que isso é descobrir que, apesar da dor o mundo continua existindo à sua revelia. Ou à da esposa, que chorava a morte do filho, debruçada sobre o caixão que baixava à terra aberta em boca, pronta para o engolir, pronta para levar o corpo jovem ainda cheio de ideais, que sempre foram a chave da invulnerabilidade humana. Bobagem. O rigor da mente nunca é igual ao rigor do corpo. Padecemos. Mutilamo-nos. Vulneráveis. Foram necessários meses para o velho se recuperar, recuperar os ruídos de cadeiras rangendo na cozinha e de talheres se chocando à mesa. A esposa nunca se recuperou, foi definhando como as folhas de outono de uma árvore antiga, até que se tornou uma paisagem invernal: fria, distante e etérea. Só importou

Quando lhe escapou a voz ficou mais leve.

Desapercebeu-lhe o canto, mas também o pranto. Aniquilou-se a palavra, mas também a lavra, o cultivo

de verbetes que foram ficando cada vez mais escassos em sua boca improdutiva. Desapareceu o alarde e a bravata, a mentira e o conluio. A crítica, o insulto, a vaia, a ovação, a censura, o cumprimento, a advertência, a detração, o sarcasmo e a reprimenda. Aniquilou-se a concretude de sentidos, só restou o silêncio e a solidão carimbando os ouvidos em atitude indignada. O velho foi se esvaziando de si, das conversas-fiadas e dos gemidos. Esvaziou-se das risadas da esposa à mesa, do ronco contido na noite, do choro silencioso pela madrugada. Nunca pensou que a morte fosse desse jeito, dessa vontade de não comer, de não dormir, de não existir. Dessa vontade de voltar no tempo. Dessa vontade de se desmanchar. Foi se perdendo de suas partes vazias sem se dar conta de que a linguagem ia lhe sendo arrancada, sem que nada a trouxesse de volta. Na inércia das horas e na reclusão voluntária, o velho se deixou levar por olhos derrotados e saudosos. De repente

Quando lhe escapou a memória ficou mais leve.

Abandonou os atos de resistência que ainda perduravam em algum lugar dentro dele, em algum devaneio ou sonho. Sua velha tinha se ido. Aquela que sempre foi lar, aquela que sempre foi mãe. A amiga e a amante o tinham abandonado num mundo desprovido de caminhos, ao menos um que o levasse até ela, a velha que nunca soube se desprender. A morte de um filho é o tipo de mágoa que poucos conseguem arrancar do peito. Só restou ele e seu tapete de cacós incapazes de se fazerem inteiros. Só restou ele e sua

vontade de também se fazer alheio. O último fragmento de recordação que varreu da lembrança foi a coreografia de taças na comemoração das bodas de ouro, na época em que todos podiam celebrar sem resquício de tristeza ou saudade, na época em que o filho vivia. E o neto e a nora e o cachorro e o papagaio com suas mil vozes. Tudo tinha se ido. Só restou ele naquele banco despojado, cinzento de cimento, depois que seu neto e nora se despediram, iriam voltar a morar com os pais dela numa cidade no interior do estado. Desabrigo insensível. Só restou ele ali, chafurdando em comisseração, quase na mesma atitude de desafio do filho. Desejando os chás curadouros da esposa, desejando os sorrisos de dentes imperfeitos, mas tão seus. Não ia para lugar nenhum longe de quem quer que seja, já não se lembrava mais. Alguém. A lágrima, a boca, a pele, a voz, a memória, perdidos todos. E a lhe embaçar a mente em troça. E lá estava

Uma sombra cobriu-lhe a face, turvando sua visão por um instante. À contraluz, a claridade lhe cegou até que distinguiu uma imagem, talhada no espaço defronte a ele. Uma velha com uma taça na mão, exortando-o a brindar, ele não entendeu bem. Um reencontro com a espoliação de tudo, ela disse, um papel em branco para uma nova história. Algo que não fez sentido naquela paisagem pacífica e ensolarada. Ele não perguntou, tomou a taça de sua mão, brindou, deixando que os ruídos voltassem a ser ouvidos, distantes. Tudo ia ficar bem. Sentiu quando lhe escapou a alma. Então, ele voou leve, etéreo.

VAMOS BRINCAR?

*Se for para partir
Que seja uma vida bandida.
Uma vida fodida
que morde, rosna e arranha,
Sem ouvir o silêncio acordando o vento,
Só uma sorte de liberdade,
Que arre pia o mundo,
Que sacode os eixos,
Que engole primavera e flor,
Sem preencher lacunas.*

Este livro foi composto em Sabon LT Pro
para a Editora Penalux, e impresso em papel
off-white 80 g/m², em dezembro de 2019.